

FILOSOFIA VEDĀNTA-VAISHNAVA

Purushatraya Swami

Algumas Considerações sobre a Filosofia Advaita

Advaita Vedānta de Śāṅkarācārya (788-820 DC)

- A filosofia Advaita pode ser resumida nessa sentença de Śāṅkara: *brahma satyaṁ jagat mithyā jīvo brahmaiva nāparaḥ*— “Brahman é a única Realidade (satya); o universo (jagat) é falso (mithya); a alma individual (jīva) e o próprio Brahman.” Vemos, portanto, bem explicitamente, três doutrinas básicas: 1) a natureza de Brahman, 2) a natureza do universo e sua relação com Brahman e 3) a natureza da alma individual e sua relação com Brahman.

Brahman e Ātman ou o Eu Supremo são termos sinônimos. O mundo é uma criação de māyā. Os seres individuais, pela influência de avidyā (ignorância), imaginam-se diferentes de Brahman e consideram que esse mundo seja real, assim como confundimos uma corda com uma serpente. Avidyā some quando surge o conhecimento—o conhecimento intuitivo supra-relacional do Ser não-dual, que denota mokṣa, liberação.

- De acordo com Śāṅkara, a Realidade Última é Ātman ou Brahman, que é Consciência Pura (jñāna-svarūpa). Brahman é destituído de todos os atributos (nirguṇa) e de todas as categorias do intelecto (nirviśeṣa).
- Brahman associado com sua potência (śakti) māyā or mūlā-avidyā aparece como o Brahman qualificado (sagūṇa ou para Brahman) ou o Senhor (Īśvara) que é o criador, mantenedor e destruidor desse mundo que é Sua aparição.

- Nirguṇa e Sagūṇa Śrutis

Os Upaniṣads oferecem muitos versos que nos dão conhecimento de Brahman em seus dois aspectos: não qualificado (nirguṇa) e qualificado (sagūṇa). Na verdade, existem dois tipos de versos nos Upaniṣads: nirguṇa e sagūṇa. A filosofia Advaita considera que os nirguṇa śrutis são de maior validade que os sagūṇa śrutis.

Śāṅkara faz dos versos nirguṇa a base de sua filosofia e parte da premissa de um Brahman indeterminado, como sendo a única realidade. Assim sendo, os textos que descrevem o caráter nirguṇa de Brahman assumem maior validade que os sagūṇa. Dessa forma, o aspecto nirguṇa de Brahman é estabelecido apoiando-se na força dos nirguṇa śrutis. Para Justificar tal afirmação, é aplicada uma regra de interpretação de textos da filosofia Pūrva-Mīmāṃsā, chamada apaccheda-nyāya que afirma que os textos que negam todas as qualidades com respeito à Realidade são anteriores que os textos que afirmam a Realidade como sendo qualificada. Não vamos entrar aqui no mérito dessa questão. Certos estudiosos dizem que, no caso, tal regra específica não é aplicável, e aplicando-se, então, uma outra regra, o resultado torna-se o inverso. Existe, dessa maneira, uma disputa entre a primazia dos dois tipos de textos.

A posição sensata é considerar que os nirguṇa śrutis são tão válidos quanto os sagūṇa śrutis, visto que ambos referem-se à mesma Realidade. O que é aceito para os Vaishnavas é que ao descrever a Realidade última com atributos negativos, como “sem qualidades”, “sem

atributos”, “sem forma”, etc., aquilo que se está negando são as qualidades condicionadas materiais e não os atributos de Brahman, pois Suas qualidades são ilimitadas.

- Algumas referências sâstrikas em que se baseia o conceito de Brahman na filosofia Advaita Vedānta:
 - a. Somente Brahman é real. É a única realidade ontológica, não-dual.
(Chândogya Up. VI.2.1) *sad eva saumya idam agre āsit; ekam eva advityam*— “Havia somente o Ser (sat) no começo, que é advitīyam, único, sem segundo.”
(Bṛhadaranyaka Up.) *ātma eva idam agre āsit*— “No princípio havia o ātma somente.”
 - b. Nada existe à parte de Brahman, seja dentro dEle ou fora dEle, ou como partes ou atributos.
(Chând 3.14.1) *sarvaṁ khalv idam Brahma*— “Tudo isso é Brahman”
(Chând 7.25.19) *ātmā eva idam sarvam*— “Tudo isso é Ātman”
 - c. Brahman não pode ser descrito com palavras. Qualquer definição significa impor-lhe um limite. Nenhuma descrição com palavras irá exaurir o conceito global de Brahman.
(Tait II.4.1) *yato vāco nivartante aprāpya manasā saha*— “Brahman não pode ser conhecido pela mente e é inexpressável por palavras.”
(Muṇḍaka I.1.5) *yat tad adreśyam agrāhyam*— “A Realidade não pode ser percebida nem tocada”.
 - d. Brahman é Verdade, Existência, Consciência, Infinito, Bem-aventurança. Brahman é, no entanto, destituído de atributos (*nirguṇa*). Dizer que Brahman tem atributos acarreta rejeitar o monismo. É sem forma (*nirakara*); livre de todas as determinações (*nirviśeṣa*) e condições (*nirupadhi*). Brahman ou Ātman é o Absoluto não qualificado, indeterminado, impessoal.
(Śvet IV.19) *niṣkalaṁ niṣkriyam... niravadyaṁ nirañjanam*— “Sem partes, sem atividades,... irreprochável, sem defeito”.
(Kaṭha I.3.15) *aśabdāṁ asparśāṁ arūpāṁ*
(Bṛhad) *acakṣuṣkāṁ aśrotram avāk amanaḥ... aprāṇam amukham... anantaram avāhyam*
 - e. Mesmo assim, podemos imaginar sua essência (*svarūpa-lakṣaṇa*): *sat, cit, ānanda*. Isso distingue Brahman do mundo-aparência, que é *asat, acit, nirānanda*.
É infinito, sem começo (*anādi*) e sem fim (*ananta*). É onipresente e onisciente.
 - f. Brahman é destituído dos três tipos de diferenças:
 - a. *vijātīya*— diferença entre objetos de diferentes categorias. Ex: cavalo e vaca
 - b. *sajātīya*— diferença entre coisa da mesma categoria. Ex: vaca com chifre e vaca sem chifre.
 - c. *svagata*— diferença entre aspectos da mesma coisa. Ex: chifre e rabo da mesma vaca.
 - g. É pura consciência eterna e transcendental destituída de distinções entre conhecedor (*jñātā*), conhecido (*jñeya*) e conhecimento (*jñāna*).
 - h. Brahman é absolutamente indeterminado. A melhor descrição sobre Ele é através da fórmula negativa: “*neti neti*” (isso não, isso não).
(Bṛhad V.9.26) *sa neti netīty ātmā*
- Já vimos várias referências do aspecto *nirguṇa* de Brahman. Aqui estão alguns versos *saguṇa*:
(Muṇḍaka I.1.9) *yaḥ sarva-jñāḥ sa sarva-vid yasya jñāna-mayaṁ tapaḥ*— “Ele que conhece tudo, dEle a potência do conhecimento vem. Ele é o mais sábio de todos.”
(Bṛhad IV.4.22) *sarvasya vaśī sarvasyeśanaḥ*— “Ele é o Senhor e controlador de todos.”
(Tait II.1.1) *satyaṁ jñānam anantam brahma*— “Brahman é Realidade, Conhecimento e Infinitude.”
(Śvet VI.8) *parāsyā śaktir vividhaiva śrūyate svabhāvīkī jñāna-bala-kriyā ca*— “Brahman tem potências variadas, que naturalmente agem para prover conhecimento, poder e ação.”

- Teoria dos Dois Brahman

Em vista dos versos que revelam o *saguṇa* Brahman, qual é, então, a posição de Śaṅkara? Ele advoga a teoria dos dois Brahman— *para* (superior) e *apara* (inferior). O *para* Brahman que é a Realidade Última é o Ser puro transcendental destituído de toda a diferenciação, o Absoluto da metafísica. Quando o *para* Brahman torna-se condicionado por *māyā*, Ele é chamado de *saguṇa* Brahman ou Brahman inferior (*apara* Brahman). Ele é o Deus pessoal concebido como o criador do universo e dotado de atributos. Esse Brahman com *guṇas* destina-se ao propósito de *upāsana*, meditação e adoração. O *apara* Brahman tem menos realidade que o *para* Brahman.

Pensamentos finitos nunca atingem Brahman. Tudo o que se fala de Brahman na realidade refere-se a Īśvara. Mesmo as palavras “Brahman incondicionado” refere-se realmente ao “Īśvara condicionado”, pois no momento em que falamos de Brahman, Ele cessa de ser Brahman e torna-se Īśvara. Nem mesmo a palavra “Brahman” refere-se a esse Ser indeterminado, pois sua natureza é destituída de nome e forma. No momento que damos qualquer qualificação a Brahman, mesmo “infinito”, “eterno”, “perfeito” e “absoluto”, não estamos nos referindo à Brahman, mas a outra coisa.

A teoria dos dois Brahman tem o intuito de conciliar os *nirguṇa śrutis* com os *saguṇa śrutis*. Esses termos, *para* e *apara*, aparecem uma única vez num verso no Praśna Upaniṣad. No referido texto os termos *para* e *apara* Brahman são aplicados num sentido completamente diferente do que foi apresentado no parágrafo acima. Śaṅkara conecta essa referência com a seção do Vedānta-sūtra chamada Ubhayalingādhikaraṇa. Nesse adhikaraṇa é dito que Brahman possui dupla (*ubhaya*) característica. Śaṅkara e Rāmānuja, em seus comentários sobre o Vedānta-sūtra, Śariraka-bhāṣya e Śrī- bhāṣya, discordam frontalmente. Śaṅkara diz que as duas *liṅgas* de Brahman são *nirviśeṣa-liṅga* e *saviśeṣa-liṅga*. Rāmānuja, por sua vez, diz que os sūtras desse adhikaraṇa revelam, sem sombra de dúvida, um só Brahman possuidor de duas características essenciais, a saber: livre de qualquer imperfeição (*nirdoṣatva*) e dotado de inúmeras qualidades auspiciosas (*kalyāṇa-guṇātmakatva*).

- O significado etimológico da palavra Brahman

A palavra Brahman deriva-se do *dhatu* (raiz verbal) *br̥h* que tem o sentido de ‘crescer’. Brahman, como é indicado nos textos śrutis e smṛtis, é aquilo que cresce ou que causa o crescimento (*br̥hattvāt brahmaṇatvāt*). Śrī Rāmānuja, com todo o peso de sua incontestável e rara dimensão espiritual escreve as seguintes palavras nas primeiras linhas de seu volumoso comentário sobre o Vedānta-sūtra, Śrī-bhāṣya: “A palavra “Brahman” é derivada da raiz ‘*br̥h*’ que denota grandiosidade, e é, portanto, aplicável a todos os objetos que possuem, por natureza e qualidades, esta grandiosidade num grau infinito. Daí conclui-se que a palavra “Brahman” denota, primariamente, essa Pessoa Suprema, Puruṣottama, que é o reservatório de todas as qualidades auspiciosas a um grau infinito, e é livre de qualquer influência mundana. Esta Pessoa Suprema é o único Ser cujo conhecimento de Sua real natureza resulta em liberação.”

- Brahman é Realidade, Conhecimento e Infinitude

Uma questão interessante é em relação ao famoso e essencial texto do Taitirīya Upaniṣad *satyaṁ jñānam anantaṁ brahma*. A tradução literal é: “Brahman é Realidade, Conhecimento e Infinitude”, isto é, Brahman é qualificado por três atributos ou predicados. No entanto, a fim de que a tese do Brahman indeterminado seja mantida, os gramáticos da filosofia Advaita, ao

invés de considerarem as três qualidades descritas como predicados, consideram-nas como apostos. Com essa lógica, esse texto não descreve, como à primeira vista parece, três atributos de Brahman, mas, essas três palavras, consideradas como apostos de Brahman, ficam sendo uma referência ao próprio *svarūpa*, natureza essencial, de Brahman. Isso significa que, *satyam* é o mesmo que Brahman, e assim por diante. Dessa forma, esse importantíssimo texto, embora literalmente descreva qualidades de Brahman, é usado para reforçar a idéia de um Brahman indeterminado, filosoficamente falando, uma substância sem qualidades.

Filósofos Vaishnavas, por outro lado, afirmam categoricamente que é impossível existir uma substância sem atributos. Essa idéia seria uma mera abstração filosófica, sem possível comprovação através de nenhum dos *pramaṇas*, ou evidências. A conclusão é que, assim como qualquer substância, Brahman tem atributos e Seu *svarūpa* é descrito a partir de Seus atributos essenciais. De acordo com a escola Viśiṣṭādvaita, cinco distintas características determinam o *svarūpa* de Brahman: *satyam* ou Realidade, *jñānam* ou conhecimento, *anantam* ou infinitude, *ānandam* ou bem-aventurança e *amalam* ou pureza.

- Criação, Manutenção e Aniquilação

Outro texto do Taitirīya Upaniṣad nos oferece uma outra importante definição de Brahman e traz à tona novas questões: (Tait III.1) *yato vā imāni bhūtāni jayante, yena jātāni jīvanti, yat prayanty abhisamviśanti tad vijijñāsasva tad brahmeti*— “Este de quem os seres são nascidos, por quem quando nascidos eles vivem, em quem (ao morrer) eles vão e dissolvem-se (entram), tente desejar saber isso; Este é Brahman.” O texto refere-se claramente às três funções fundamentais de Brahman, a saber, criação, manutenção e aniquilação do universo e constitui o texto de referência para primeiro sūtra do Vedānta-sūtra ou Brahma-sūtra, que define Brahman em função da criação, etc. do universo. O sūtra introdutório, *athato brahma jijñāsa*, estabelece o tema central do livro, a saber, Brahman. Então segue-se a definição: *janmādy asya yataḥ*— “DEle, a criação, etc. do universo origina-se.” Śankara atribui à essa definição, não o status de *svarūpa-lakṣaṇa*, ou seja, aquela feita a partir de seus atributos essenciais, mas *taṣṭhalakṣaṇa*, sugerindo, assim, que o ato de criação, etc. de Brahman seria meramente um *upadhi*, uma característica accidental. Dessa forma, essa definição não está relacionada com o *para* Brahman, mas sim com o *apara* Brahman. Tanto os Vaishnavas quanto o autor do Vedānta-sūtra não concordam com isso. Podemos ver que o sūtrakāra Veda-Vyāsa, não apóia essa distinção de Brahman superior e inferior, pois, caso contrário, não daria tal destaque a essa definição.

- Por trás de todo fenômeno organizado, uma Personalidade

Existem vários textos dos Upaniṣads que revelam vontade e a deliberação do ato de criação. Isso significa que existe uma Personalidade Suprema por trás. Dentre esses citaremos alguns: (Chānd VI.2.3) *tad aikṣata bahu syām prajāyeta*— “Ao querer tornar-se muitos, Ele lançou Seu olhar.”

(Bṛhad I.2.4) *so 'kāmayata bahu syām*— “Ele decidiu: Tornar-me-ei muitos.”

(Aitareya III.11) *sa aikṣata tat tejo 'sṛjata*— “Ele lançou o olhar para Sua potência, que então manifestou a criação”.

(Aitareya I.1.2) *sa imāl lokān asṛjata*— “Ele criou todos esses mundos.”

Complementando essas referências, existem muitas outras contidas no Bhagavad-gītā, que é também um dos textos base da filosofia Vedānta, que, insofismavelmente, nos oferece a primazia do aspecto pessoal de Deus.

- **Unidade na Diversidade**

Para a linha teísta do sistema Vedānta, a Realidade última ou Brahman, referido extensivamente nos Upaniṣads, é o mesmo que Īśvara, o Deus pessoal da religião. A teoria dos dois Brahman formulada por Śaṅkara, a saber: *para* Brahman ou superior, que é o Ser Absoluto sem atributos, forma e personalidade, e o *apara* Brahman ou inferior, dotado de atributos de menor realidade, não é aceita.

Todos os filósofos dessa corrente afirmam que existe somente um Realidade Absoluta. Tal Realidade Absoluta apresenta-se em múltiplas manifestações, tanto em seu aspecto impessoal quanto nas múltiplas formas pessoais. No Bhagavad-gītā (14.27), o Senhor Kṛṣṇa, identificado como Parabrahman ou Bhagavat, declara que “Eu sou a base do Brahman” (*brahmaṇo hi prathiṣṭhāham*). Essa é uma das muitas referências escriturais atestando a supremacia do aspecto pessoal de Deus sobre o impessoal. O Śrīnad-Bhagavatam (I.2.11) expõe esse caso de maneira bem explícita: *vadanti tat tattva-vidas tattvaṁ yaj jñānam advayam / brahmeti paramātmēti bhagavān iti śabdyate*—“Os *tattva-vid*, conhecedores da Realidade Absoluta, afirmam que essa Realidade Absoluta é *advaya-jñāna*, uma Consciência Absoluta não-dual, isto é, Única, que é conhecida (*śabdyate*) por Brahman, Paramātmā e Bhagavat.” Brahman, no caso, refere-se ao aspecto impessoal de Deus que interpenetra tudo; Paramātmā é o Controlador do mundo material, o Deus imanente, que é o Senhor Viṣṇu e Suas expansões; e Bhagavat é o Parabrahman, Deus transcendente, a Personalidade Suprema, Śrīman Narāyaṇa em Vaikuṅṭha ou Śrī Kṛṣṇa em Goloka, dotado ilimitadamente de todas as qualidades auspiciosas. Śrī Jīva Gosvāmī afirma em seu Ṣaṭ-Sandarbhā que não existe diferença entre Brahman e Bhagavat (Parabrahman). Quem faz a diferença, no caso, é o meditador ou adorador. Se alguém quiser meditar ou adorar a Deus sem apreciar suas qualidades pessoais, ele reverenciará o aspecto impessoal. Já aquele que está atraído pelas qualidades transcendentais de Deus, tornar-se-á um devoto do Senhor Supremo. Uns reverenciam o Senhor Supremo em sua forma majestosa de Vaikuntha-natha, Śrī Śrī Lakṣmi-Narāyaṇa. Na linha de Śrī Caitanya Mahāprabhu, o objeto de devoção é o Casal Supremo, Śrī Śrī Rādhā-Kṛṣṇa.

- Śaṅkara faz dos versos *nirguṇa* dos Upaniṣads a base de sua filosofia e parte da premissa de um Brahman indeterminado, como sendo a única realidade. Assim sendo, terá que deparar-se com dois problemas sérios para sua filosofia: a pluralidade das almas individuais e a variedade e realidade do mundo.